

*Círio de Nazaré em Belém-PA: dimensão
ribeirinha, expansão territorial e importância
para o turismo na Amazônia*

*Círio de Nazaré procession in Belém city, Pará: riverside
dimension, territorial expansion and importance for tourism
in the Amazon*

*Círio de Nazaré à Belém-PA: dimension de la rivière,
l'expansion territoriale et l'importance pour le tourisme en
Amazonie*

Débora Rodrigues Oliveira Serra
Universidade Federal do Pará
debserra1980@hotmail.com

Maria Goretti da Costa Tavares
Universidade Federal do Pará
mariagg29@gmail.com

Resumo

O presente artigo aborda a espacialidade do Círio de Nazaré em Belém-PA, metrópole da região amazônica. Utilizou-se como metodologia o levantamento bibliográfico referente a esta festividade, buscando a análise da dimensão ribeirinha desde as suas origens até a sua expansão para a Região Metropolitana de Belém, bem como a relação com a atividade turística.

Palavras-chave: Círio de Nazaré, dimensão ribeirinha, expansão territorial, turismo.

Abstract

This article discusses the spatiality of the *Círio de Nazaré* Procession, in Belem city, Para, a metropolitan area of the Amazon region. It was used as methodology the literature review on this holy festivity with an analysis of its riverside dimension with regards to its origins and to its expansion to the metropolitan region of Belem, as well as its relation to tourism activity.

Keywords: *Círio de Nazaré* procession, riverside dimension, territorial expansion, tourism.

Résumé

Cet article s'occupe de la spatialité de Círio de Nazaré à Belém-PA métropole de la région amazonienne. A pris comme méthodologie la bibliographie concernant à cette fête en cherchant analyser la dimension au bord de la rivière dès ses origines jusqu'à son expansion dans la région métropolitaine de Belém, ainsi que sa relation avec le tourisme.

Mots-clés: Círio de Nazaré, dimension de la rivière, expansion territoriale, tourisme.

Introdução

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré é uma das manifestações religiosas mais importantes em nível nacional e internacional. Ocorre desde o final do século XVIII na cidade de Belém, uma das metrópoles da Amazônia, e tornou-se um dos principais atrativos turísticos paraenses.

Como prática festiva, possui dimensões particulares da região amazônica mescladas às tradições herdadas da cultura portuguesa, dentre elas, o próprio o culto à santa. Tal devoção, que em Portugal se relaciona à posição geográfica litorânea da cidade de Nazaré, em Belém assume características de uma região entrecortada por rios e igarapés. Nesse sentido, o objetivo deste artigo será tratar da dimensão ribeirinha desta festa, de como se deu sua expansão territorial ao longo dos séculos, e da sua complexidade ao relacionar aspectos religiosos, políticos, culturais e econômicos, além de identificar as práticas turísticas que a permeiam.

Como procedimento para a elaboração deste artigo, realizou-se o levantamento bibliográfico referente a diversos aspectos do Círio de Nazaré, à característica ribeirinha de Belém desde a fundação dos primeiros núcleos e ao seu processo de urbanização.

Inicia-se abordando a dimensão ribeirinha e as origens da devoção à santa. Em seguida, trata-se da oficialização e da expansão da festividade para além dos limites do município de Belém. Por fim, analisa-se as dimensões religiosas, políticas, culturais e econômicas e a importância do Círio de Nazaré para o turismo no estado.

A dimensão ribeirinha do Círio de Nazaré e as origens da devoção

A história da devoção à Nossa Senhora de Nazaré iniciou em Portugal, onde se conta que, séculos depois de ter sido esculpida por São José, pintada por São Lucas e passado pelas mãos de São Jerônimo e de Santo Agostinho, a imagem original foi abandonada em uma gruta na Península Ibérica por um rei dos visigodos e encontrada posteriormente por pastores. O culto à santa,

todavia, se fortaleceu no século XII, após o fidalgo português Dom Fuas Roupinho atribuir-lhe um milagre (IPHAN, 2006).

A devoção à santa disseminou-se pelas colônias portuguesas. No Brasil, a cidade de Saquarema, no Rio de Janeiro, é considerada a primeira a reverenciá-la. Contudo, o Pará merece destaque tanto porque, tal como na referida cidade fluminense, o culto também iniciou durante o século XVII, em Vigia, quanto pela dimensão que a festividade adquiriu na capital.

Conforme Maués (2009), Vigia teria sido o primeiro município paraense a cultivar a santa, provavelmente, devido às crenças do seu donatário ou dos colonos trazidos por ele. Tendo como base a crônica do padre jesuíta João Felipe Bettendorf, publicada na revista IHGB em 1909, afirma que ao final do século XVII a devoção já estava estabelecida naquela que era então uma vila.

O autor destaca que, de acordo com o historiador Geraldo Coelho, os colonos que habitavam Vigia possivelmente eram provenientes dos Açores ou do Algarve, sendo, portanto, culturalmente ligados ao mar, e que havia uma relação entre os navegantes e o culto à Nossa Senhora de Nazaré nas referidas regiões portuguesas.

Em Belém, as origens da devoção, segundo Pantoja (2006), sugerem que "aos fatos históricos são somados os mitos que, solidários entre si, quase não se reconhece os limites entre ambos." (p. 31). Dentre os mitos, destacam-se as fugas da imagem da santa, achada em 1700 por Plácido José dos Santos às margens do igarapé Murutucu, nas proximidades da atual Basílica Santuário de Nazaré. Há relatos de que Plácido levou a imagem para casa e, no dia seguinte, não a avistando, voltou ao igarapé e encontrou-a. Essa situação teria ocorrido diversas vezes, chamando a atenção de um governador, que a levou para o Palácio do Governo. Mesmo vigiada por soldados, a imagem continuou a retornar para o lugar de origem. Tais fugas fizeram com que Plácido construísse uma pequena ermida no local e grande parte da população tornou-se devota da santa (IPHAN, 2006).

Assim, enquanto em Portugal a devoção à Nossa Senhora de Nazaré remete ao mar, em Belém, a origem da devoção está relacionada à sua condição geográfica de cidade ribeirinha, formada por bacias hidrográficas que envolvem diversos rios e igarapés, além de ser margeada pela baía do Guajará.

A característica ribeirinha em Belém revela-se em todo o seu processo de formação sócio-espacial. A área escolhida para a fundação da cidade, em 1616, localizava-se em frente à referida baía e permitia o controle do acesso ao rio Amazonas. Era, portanto, estratégica para a consolidação da posse do norte da colônia pelos portugueses. Segundo Trindade Jr., Santos e Ravena (2005),

além da sua gênese, o caráter ribeirinho se dá ainda porque "por mais de três séculos o rio representou a principal via de integração regional e nacional da cidade." (p. 20).

Belém desenvolveu-se seguindo as margens da baía do Guajará. Inicialmente, as áreas mais altas foram ocupadas, formando os bairros da Cidade – atualmente Cidade Velha – e Campina. Conforme a necessidade de expansão, parte das áreas alagáveis foram ocupadas pelas populações de baixa renda, enquanto outras passaram por processos de drenagem e aterramento. Houve também a canalização de igarapés, causando diversas consequências negativas, como aponta Rodrigues (1996).

Nas proximidades do igarapé Murutucu, onde a imagem teria sido achada, a ocupação deu-se inicialmente com as chamadas rocinhas, que eram "o todo que formava a pequena propriedade rural: o campo, o pomar, a floresta e, enfim, a casa." (TOCANTINS, 1952 apud PENTEADO, 1968, p. 111) À época, esta era uma área de floresta e estava ligada aos primeiros núcleos de Belém pela estrada do Utinga, posteriormente estrada de Nazaré, pela qual era possível seguir para o município de Vigia ou para São Luís, no Maranhão. Com o início do processo de urbanização na segunda metade do século XIX, durante o ciclo da borracha, a cidade recebeu diversos serviços urbanos, tais como iluminação pública, calçamento de vias, bonde elétrico, entre outros. Porém, a execução de tais serviços exigiu, segundo Pimentel *et al* (2012), o aterramento do igarapé Murutucu, ignorando a sua importância religiosa, o que foi também apontado por Maués (2009).

A Oficialização da Romaria

Com o aumento do número de fiéis, a devoção popular à santa atraiu a atenção de representantes eclesiásticos, que passaram a incentivá-la e posteriormente a providenciar sua oficialização, dada em 1793. No mesmo ano, o presidente da Província do Pará, Francisco Coutinho, realizou a primeira procissão como pagamento de uma promessa, além de uma feira de produtos regionais em frente à ermida (IPHAN, 2006).

Em relação à feira, Cruz (1973), com base em Vianna (1904), afirma que Coutinho enviou um documento aos diretores de vilas e povoados do interior da província ordenando que fossem escolhidos homens e mulheres, inclusive indígenas, para participarem do evento e venderem produtos. A dimensão ribeirinha era perceptível na feira, com a comercialização de artigos como o peixe-boi e o pirarucu, encontrados em rios da região amazônica. Na época, as vias de acesso a Belém eram fluviais e o interior do Estado possuía – e ainda possui – uma intensa relação com os rios.

O termo "círio" tem origem do latim "cereus", cujo significado é "grande vela de cera". O nome é em alusão às romarias portuguesas para o Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, nas quais os fiéis levavam velas de cera (IPHAN, 2006). A procissão, ocorrida em setembro de 1793, é considerada o primeiro Círio de Nazaré em Belém. Afirma-se que foi acompanhada "[...] por quase dois mil soldados, além da população civil de Belém e do interior da província. Participavam ainda do cortejo, além do presidente da província, os vereadores da Câmara e o vigário geral, substituindo o bispo, que viajara para Portugal." (IPHAN, 2006, p. 16). Estima-se que dez mil pessoas participaram da manifestação, finalizada com uma missa na ermida da santa e com o lançamento da pedra fundamental da Igreja que substituiria a ermida. Tais ações tornam evidente a busca da Igreja e do Estado pelo controle da devoção.

Até o final do século XIX, o percurso do Círio iniciava no Palácio do Governo e seguia até a ermida da santa. Na véspera, outra procissão conduzia a imagem pelo caminho inverso, originando a chamada Trasladação. Os percursos, de ida e de volta, relembram o mito das fugas. Atualmente, estima-se que cerca de dois milhões de pessoas participem da procissão principal, entre visitantes e população local, o que a tornou uma das maiores manifestações católicas do mundo. Porém, de acordo com Pantoja (2006):

[...] as estimativas oferecem uma série de incoerências. Primeiro porque são realizados por instituições que participam do processo de organização do Círio, a exemplo da Polícia Militar; segundo, porque não se têm dados estatísticos regulares ao longo da devoção. (PANTOJA, 2006, p. 42).

A reflexão sobre o argumento da autora torna-se necessária ao se considerar que em eventos de grandes proporções é costume inflar o número de participantes para torná-los mais importantes. Um exemplo disso é a Parada Gay, em São Paulo, à qual era atribuída um público de quatro milhões de pessoas. Segundo Bergamim Junior (2011), esses números foram contestados em 2011 pelo Instituto de Pesquisas Datafolha, a partir da análise da quantidade possível de pessoas por metro quadrado realizada com base no manual de cálculo de multidões do Centro de Estudos e Pesquisas de Desastres, da Prefeitura do Rio de Janeiro. Ainda que se considere falhas nesse método, a capacidade máxima do evento seria de um milhão e quinhentas pessoas. Em 2012, de acordo com Azevedo (2012), o Datafolha realizou pela primeira vez uma medição científica que considera também o público flutuante e o resultado foi de aproximadamente duzentos e setenta mil, quantidade bem abaixo dos milhões divulgados todos os anos.

Em entrevista concedida no dia 9 de janeiro de 2013 em Belém, o Coordenador de Estatísticas e Informações da Secretaria de Estado de Turismo

do Pará, Admilson Alcântara, relatou que a Companhia Paraense de Turismo (PARATUR) estima a quantidade de turistas que participa do evento há cerca de dez anos, em trabalho conjunto com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). A medição do público total é feita utilizando o método da quantidade de pessoas por metro quadrado e o resultado do cálculo é o de aproximadamente dois milhões de pessoas na procissão principal.

Para além das estatísticas, observa-se no Círio de Nazaré a diversidade de eventos que o compõe. Alves (2005) refere-se à festividade como um complexo ritual, por envolver as "dimensões sacralizadas e devocionais com aquelas carnavalizadoras, informais e comunitárias" (p. 316), observando que às várias procissões somam-se práticas mais informais, destacando-se o Arraial, onde acontecia a feira de produtos regionais nos primeiros anos do evento, e o almoço do Círio, realizado por grande parte das famílias após a procissão principal.

No que se refere aos aspectos religiosos, Henrique (2011) afirma que:

Motivados pela amplitude alcançada por esta celebração religiosa, quatro entidades de Belém solicitaram ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em dezembro de 2001, o registro do Círio de Nazaré de Belém do Pará, como patrimônio cultural imaterial brasileiro. Foram elas: Arquidiocese de Belém, Diretoria da Festividade de Nossa Senhora de Nazaré, Obras Sociais da Paróquia de Nazaré e Sindicato dos Arrumadores do Estado do Pará. (HENRIQUE, 2011, p. 328).

O autor participou de todo o processo que possibilitou o registro, do inventário para identificar e sistematizar os bens culturais do Círio à elaboração de um dossiê. O objetivo foi demonstrar que esse complexo de eventos reúne elementos importantes na formação da identidade brasileira e, para tanto, foi necessário considerar não apenas os aspectos religiosos, mas os culturais, de forma mais ampla.

Em relação ao registro, faz-se necessário observar que ele se diferencia do tombamento por estar relacionado à proteção de bens imateriais, tais como as celebrações, a gastronomia, as músicas e as danças. Telles (2010), todavia, ressalta que:

[...] a dicotomia entre patrimônio cultural material e patrimônio cultural imaterial, em tese, é utilizada - e só assim deve ser - como recurso didático [...]. Ambas dimensões, portanto, coexistem num mesmo bem cultural (TELLES, 2010, p.27).

O Círio de Nazaré em Belém foi registrado em 2004 pelo IPHAN como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial, sendo o único no chamado Livro de Registro de Celebrações. No dossiê, publicado em 2006, são elencados os elementos da festividade considerados essenciais, seja por sua sacralização, simbolismo, antiguidade ou notável afluência popular (IPHAN, 2006).

Com base em Castro e Serra (2011), o Quadro 1 ilustra a grandiosidade e complexidade do Círio com a listagem de grande parte de seus elementos. Os classificados como "demais elementos" podem se tornar "essenciais" na perspectiva do IPHAN ao passar dos anos. Conforme Henrique (2011), essa nova classificação poderá ocorrer após uma nova pesquisa, a ser realizada após dez anos do registro, como estabelece a legislação.

Quadro 1: Elementos representativos do Círio de Nazaré conforme IPHAN (2006)

Elementos essenciais	Procissão Principal, Imagens (original e peregrina), Trasladação, Berlinda, Corda, Recírio, Arraial, Almoço do Círio, Alegorias, Brinquedos de Miriti.
Demais elementos	Missa do Mandato, Visitas da Santa aos Fiéis, Traslado para Ananindeua e Marituba, Romaria Rodoviária, Romaria Fluvial, Moto e a Ciclo Romaria, Descida e Subida da Imagem, Romarias da Juventude e das Crianças, Procissão da Festa, Auto do Círio, Arrastão do Boi Pavulagem, Festa da Chiquita.

Fonte: Castro e Serra, 2011.

Iniciando a festividade nazarena, tem-se a Missa do Mandato em agosto, na qual diversas imagens são abençoadas para realizarem as visitas às casas dos fiéis no mês de setembro. Em outubro, ocorre a maior parte das manifestações, em geral, com a presença da imagem peregrina, visto que a original fica constantemente na Basílica Santuário de Nazaré.

A procissão principal é realizada no segundo domingo de outubro, mas é antecedida por diversos eventos desde a sexta-feira, como o Traslado, que leva a imagem da Basílica Santuário de Nazaré para os municípios de Marituba e Ananindeua, e o Auto do Círio, cortejo cultural realizado por artistas locais retratando o sagrado e o profano.

A maior parte dos eventos ocorre no sábado, que já começa com a Romaria Rodoviária, levando a imagem de Ananindeua até o distrito de Icoaraci, de onde parte a Romaria Fluvial. Chegando à sede de Belém, iniciam-se o Arrastão do Círio – cortejo que retrata a cultura popular regional com apresentações do grupo parafolclórico Arraial do Pavulagem – e a Moto

Romaria, conduzindo a imagem até o Colégio Gentil Bittencourt. De lá, ela segue ao final da tarde para a Igreja da Sé, na Trasladação. A romaria, após passar pela Praça da República, dá início à Festa da Chiquita. Marcada principalmente pela presença de homossexuais e simpatizantes que se divertem ao som de músicas de vários estilos e por premiações como a "Rainha do Círio" e o "Veado de Ouro", essa manifestação é repudiada pelas autoridades da Igreja e pela Diretoria da Festa – o grupo responsável pelo conjunto de eventos mais associados aos aspectos sagrados da festividade. Ainda no sábado, ocorre na Basílica de Nazaré a cerimônia da Descida da Imagem, quando a imagem original fica mais próxima dos fiéis (CASTRO & SERRA, 2011).

No domingo ocorre a procissão principal, tendo como importantes elementos, assim como na Trasladação, a berlinda, a corda, as alegorias e os brinquedos de miriti (em outros estados, conhecido como buriti). Ao seguirem para casa, os fiéis reúnem-se em família para o tradicional almoço do Círio.

Ao contrário da maioria das festas de santos, a procissão principal do Círio não finaliza a festividade: ela estende-se por mais quinze dias, a chamada Quadra Nazarena em que se realiza a Ciclo Romaria, as romarias das Crianças e da Juventude, a Subida da Imagem e a Procissão da Festa. No 15º dia após a procissão principal, ocorre o Recírio, que conduz a imagem peregrina da Basílica de volta para o Colégio Gentil Bittencourt (CASTRO & SERRA, 2011).

A expansão territorial do Círio

Tratando-se da dimensão espacial do evento, nota-se que as primeiras procissões – Trasladação e procissão principal do Círio – percorriam o caminho que ligava a ermida da santa, onde atualmente encontra-se a Basílica de Nazaré, e o Palácio dos Governadores, atual Museu Histórico do Estado do Pará. Conforme IPHAN (2006), após o fechamento da capela do Palácio devido à posse dos republicanos, o ponto de partida da procissão principal foi alterado para a Igreja de Santo Alexandre, em 1891, e depois para a Igreja da Sé. A mudança já era desejada pelo Bispo Dom Macedo Costa, o qual defendia o fim do regime do padroado.

Em seu estudo sobre a visão geo-social do Círio, Moreira (1989) afirma que a procissão principal provocava um intenso deslocamento da população de Belém para fora da cidade, considerando-se que o local onde atualmente está a Basílica fazia parte da zona rural até meados do século XIX. Com a expansão da cidade, a procissão tornou-se completamente urbana e o movimento cidade-interior inverteu-se. O autor destaca a presença dos devotos interioranos na procissão afirmando que:

O Círio é um reflexo da presença do interior no ambiente urbano, convindo salientar que sem essa presença êle não seria o que é, a começar porque o devoto interiorano é mais compenetrado e representativo. A trasladação e o Recírio são belemenses, mas o Círio é paraense. (MOREIRA, 1989, p. 07).

Embora não haja dados precisos quanto à quantidade de visitantes provenientes do interior do estado, observa-se que a presença deles continua acentuada. Milhares que chegam a Belém a pé são atendidos na Casa de Plácido, edificação localizada no entorno da Basílica Santuário.

Por vários anos, apenas duas romarias compunham o Círio de Nazaré. Porém, a partir da década de 1980, houve a expansão das manifestações em relação à sua quantidade e à ocupação de diversos espaços, incluindo-se dois municípios da Região Metropolitana de Belém. Conforme Pantoja (2006), a partir de entrevistas com pessoas direta ou indiretamente ligadas à Diretoria da Festa, o aumento acentuado no número de procissões tem motivos diversos, tais como a demanda dos devotos da Ciclo Romaria e da Romaria das Crianças e a criação da Romaria Fluvial, um novo atrativo turístico para a cidade.

A Romaria Fluvial (Figura 1) remete à dimensão ribeirinha da cidade de Belém e do próprio Círio. Nela, segundo Matos (2010): “[...] os mitos de origem e narrativas milagrosas associadas às águas, desde os mares de Portugal aos grandes rios do Pará, vêm à tona para justificar o vínculo do evento com as características culturais da região.” (p. 223).



Figura 1: Romaria Fluvial
Fonte: Ronaldo Farias, 2013.

Ela foi criada em 1986 pela PARATUR, à época, único órgão de turismo na esfera estadual. Sobre sua origem, Bonna (1993) afirma que a intenção do seu criador, o historiador Carlos Rocque, então presidente do referido órgão, era estimular o turismo. Gerou-se, assim, um novo atrativo que possibilitou aos turistas uma atividade a ser realizada na manhã do sábado que antecede à procissão principal do Círio.

Na primeira edição, Bonna (1993) relata que a imagem foi transportada de ônibus da sede do município até o trapiche de Icoaraci, reformado pela Prefeitura Municipal para essa finalidade. De lá, ela seguiu a bordo de uma corveta da Marinha do Brasil até o cais do porto de Belém, a Escadinha do Porto, acompanhada de autoridades do Estado e de, aproximadamente, trinta embarcações. Hoje, este número tem se ampliado para centenas, com iates, lanchas, balsas, embarcações regionais, etc.

Apesar do evento fazer parte da programação oficial do Círio e muitos moradores de Belém e das ilhas próximas participarem tanto por motivos religiosos quanto profanos, a PARATUR atua divulgando e oportunizando às agências de turismo mais um elemento a ser incluído nos pacotes turísticos do Círio, o principal para algumas delas. A PARATUR realiza também o Concurso de Decoração de Embarcações desde as primeiras edições da Romaria Fluvial.

O evento está relacionado à expansão territorial do Círio, considerando-se que ele foi o primeiro a ser realizado fora da sede de Belém e que o percurso até Icoaraci possibilitou a criação da Romaria Rodoviária em 1989 e do Traslado para Ananindeua e Marituba, criados em 1992 e 2002, respectivamente.

A dimensão espacial das manifestações realizadas no segundo final de semana de outubro, período em que ocorre a maioria delas, pode ser observada nos mapas das **Figuras 2 e 3**, nos quais se apresentam os percursos de eventos religiosos (romarias) e profanos (cortejos).

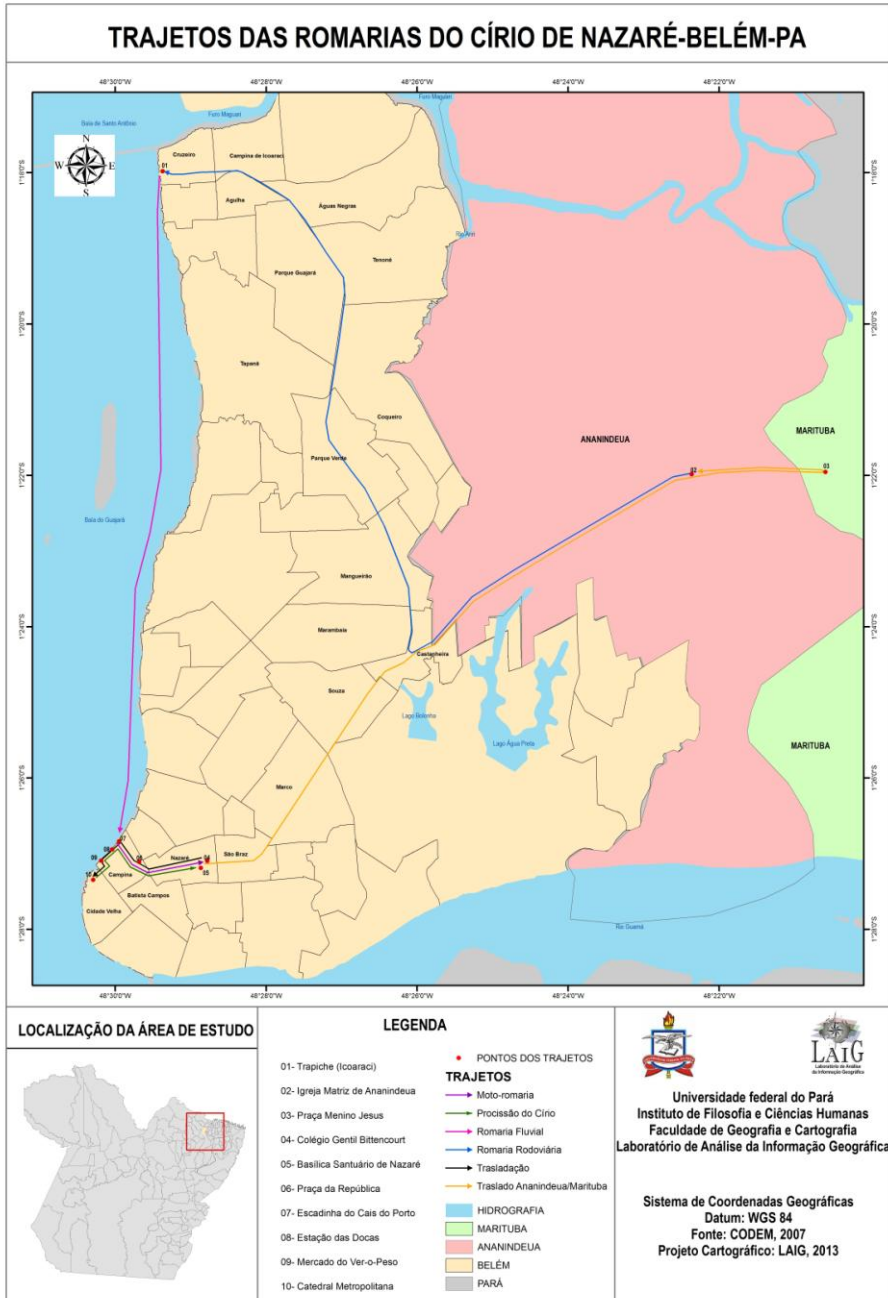


Figura 2: Trajeto das Romarias do Círio de Nazaré.
 Fonte: LAIG/UFPA. Organizado por Serra (2013)

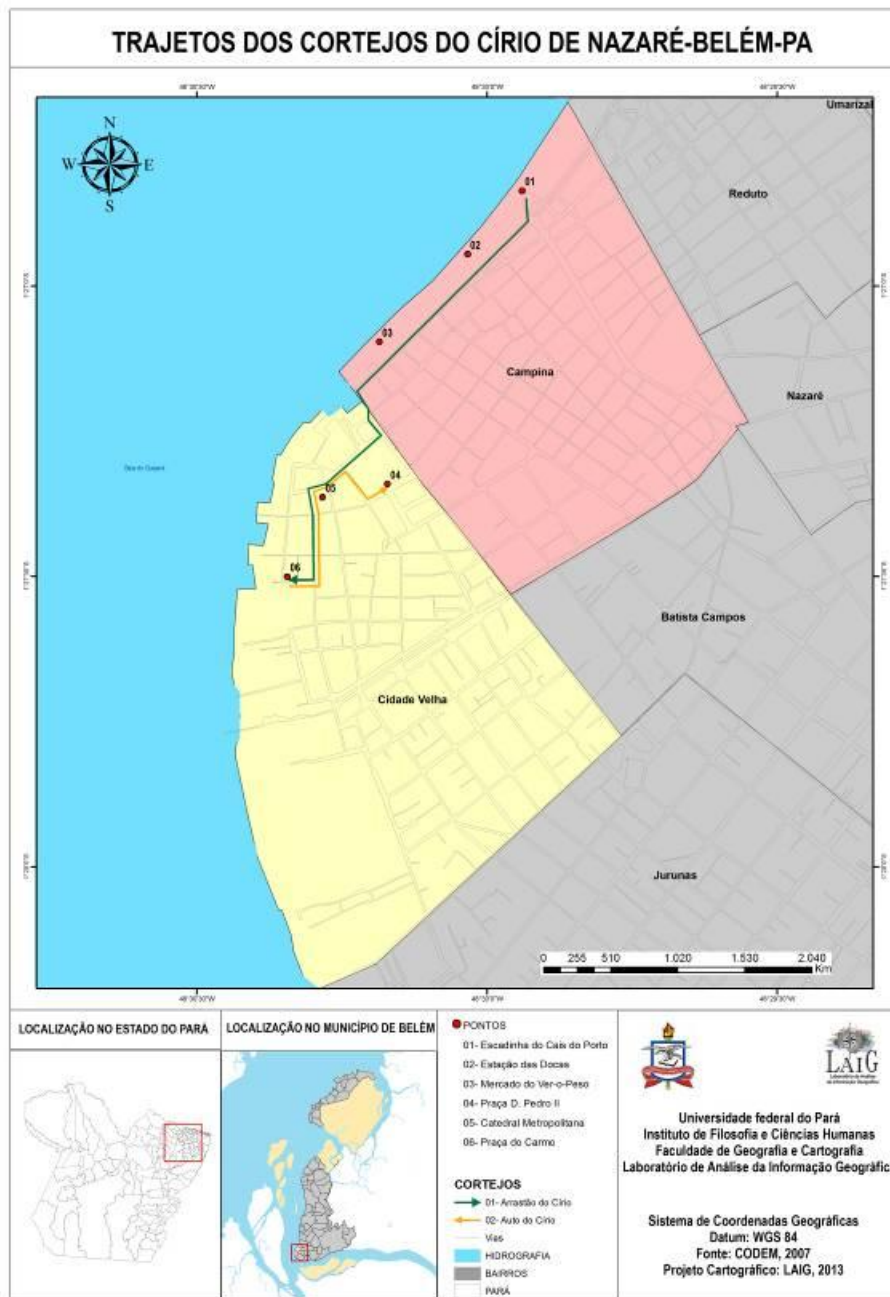


Figura 3: Trajeto dos Cortejos do Círio de Nazaré.
Fonte: LAIG/UFPA. Organizado por Serra (2013).

A **Figura 1** mostra o Traslado para a Ananindeua/Marituba, com início na Basílica Santuário de Nazaré. Nesses municípios, a procissão percorre as paróquias de alguns bairros. A mais longa tem cerca de cinquenta e cinco quilômetros de extensão e duração de aproximadamente doze horas (FILHO, 2012).

Após pernoitar na Igreja Matriz de Ananindeua, a imagem segue na Romaria Rodoviária até o Icoaraci para dar início à Romaria Fluvial, que percorre a Baía do Guajará. Já na Escadinha do Porto, próximo à Estação das Docas, na sede de Belém, milhares de motociclistas conduzem a imagem para o Colégio Gentil Bittencourt. Lá permanece até a Trasladação, procissão que a leva para a Igreja da Sé, de onde ela parte no dia seguinte na Procissão do Círio e segue até a Basílica de Nazaré.

Quanto aos cortejos apresentados na **Figura 2**, a Praça do Carmo é o ponto inicial do Auto do Círio e o final do Arrastão do Círio. O Auto segue até a Praça D. Pedro II, fazendo diversas paradas para encenações. O Arrastão começa na Escadinha do Porto.

Observa-se que parte dos espaços apropriados pelos organizadores do Círio são considerados atrativos turísticos. Em Icoaraci, pertencente ao município de Belém, destaca-se o Trapiche, onde se realiza uma missa para em seguida se iniciar a Romaria Fluvial. É localizado na Orla, espaço estruturado com calçadão, bares, restaurantes e quiosques para a venda de artesanato, principalmente as cerâmicas marajoara e tapajônica.

Em Belém, os eventos concentram-se em três bairros nos quais os espaços apropriados são considerados turísticos pela sua relação com as festividades do Círio de Nazaré, mas principalmente pela importância na formação histórica e sócio-espacial da cidade. Tem-se, dessa forma, a Basílica de Nazaré e o Colégio Gentil Bitencourt no bairro de Nazaré; as Praças do Carmo e D. Pedro II e a Igreja da Sé, na Cidade Velha, e, finalmente, a Praça da República e a Escadinha do Porto, localizados no bairro da Campina. Neste último, há ainda o Complexo do Ver-o-Peso, parte do percurso de algumas romarias e cortejos.

A devoção a Nossa Senhora de Nazaré está presente em diversos municípios paraenses e em outros estados brasileiros. Devido à influência de paraenses que moram fora do Pará e de peregrinações da imagem, é possível encontrar Círios de Nazaré no Maranhão, Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo (COSTA et al., s/d).

Em pesquisa em *sites* católicos e de jornalismo, observou-se que as peregrinações da imagem em diversas capitais brasileiras, na década de 1990, favoreceram a realização do Círio de Nazaré em São Luís; que no Rio de

Janeiro, Niterói e Saquarema a festividade tem sido realizada desde o final da década de 2000 com a presença da imagem de Belém; e que em São Paulo e Brasília a festividade se dá desde as décadas de 1950 e 1960, respectivamente, inspirada pelos moradores paraenses.

A expansão do Círio tanto pela Região Metropolitana de Belém, como por outras cidades, é estimulada pela Igreja Católica, que busca ampliar seus territórios, ou seja, os espaços apropriados por ela onde poderá exercer maior controle. Porém, somado a esse estímulo, a apropriação popular da festividade, como será discutido a seguir, também contribui para ampliar o alcance dessa festividade.

Nos *sites* pesquisados, percebeu-se que nas cidades de São Luís, Rio de Janeiro, Niterói, São Paulo e Brasília também se utilizam vários elementos que fazem parte da manifestação realizada em Belém, tais como a corda, a valorização da gastronomia paraense, a berlinda, o manto, além do formato e dos nomes das procissões. A exceção seria a cidade de Saquarema, que não apresenta tais características, mas realiza o Círio das Águas, pela lagoa do município, e o Círio das Rodas, que reúne bicicletas, carros e motos. Elas assemelham-se às romarias Fluvial, Rodoviária, e à Moto e Ciclo Romaria.

Nesse sentido, o Círio não pode ser considerado apenas como manifestação religiosa, pois envolve diversos outros aspectos culturais e, como será abordado a seguir, relaciona-se com a política e a economia do Estado, destacando-se ainda sua importância como atrativo turístico.

O caráter religioso, político, cultural e econômico do Círio de Nazaré e sua relação com a atividade turística

Desde sua origem, o Círio de Nazaré em Belém é um evento ligado a aspectos religiosos, políticos e econômicos. Apesar da devoção à santa ter iniciado por volta do ano de 1700, a primeira procissão registrada ocorreu quase cem anos mais tarde, convocada pelo governador Francisco Coutinho, que realizou durante a festa uma feira de produtos regionais (IPHAN, 2006).

Essa relação com o poder público modificou-se com a posse dos republicanos, que transformaram oficialmente o Brasil em um Estado laico. Entretanto, os governos estadual e municipal continuaram a se envolver no evento, de forma que atualmente a contribuição do poder público em nível estadual e municipal, é considerada pela Diretoria da Festa não apenas como uma forma de parceria: Prefeitura e Governo do Estado são entendidos como "entidades realizadoras" (PANTOJA, 2006).

De acordo com Costa *et al* (2008), desde 2003, o governos estadual e municipal têm contribuído financeiramente com cerca de cinquenta por cento do orçamento da festividade, no que se refere à programação e ações executadas pela Igreja. Em busca da ampliação de recursos, a Diretoria da Festa tem realizado projetos voltados para os empresários: o Patrocinador e o Apoiador Oficial do Círio, criados em 2003 e 2009, respectivamente, com cotas pré-estabelecidas, oferecendo-se como contrapartida a promoção das empresas em diversos meios de comunicação. Ressalta-se que em 2013 os investimentos totalizaram mais de dois milhões e oitocentos mil reais (DIRETORIA DA FESTA ..., 2013).

Para Pantoja (2006), o caráter religioso do Círio está mais presente no momento das procissões, quando os católicos têm em comum a devoção. Acrescenta-se, porém, os demais eventos religiosos que fazem parte do Círio, como missas e shows católicos. Os eventos sagrados são administrados pela Igreja por meio de instituições como a Diretoria da Festa. Entretanto, o sagrado e o profano se complementam e nota-se a tentativa da Igreja de exercer o controle também sobre as festas profanas, a exemplo da determinação do horário de encerramento das atividades no Arraial, conforme Pantoja (2006).

O espaço destinado ao Arraial, onde se realizava a feira de produtos agrícolas desde o primeiro Círio, sofreu diversas transformações, acompanhando as mudanças da cidade. Matos (2010) destaca as alterações ocorridas na Belle Époque, entre meados do século XIX e início do XX, quando Belém cresceu economicamente com a extração e o comércio da borracha e modernizou-se. Nesse momento, houve a diferenciação de classes presente nos espaços da festividade e a diversificação das atrações. Folguedos populares comuns nas festividades religiosas eram reprimidos, enquanto se importavam espetáculos de outras cidades e países.

A autora observa que o espaço onde ocorriam as manifestações profanas sempre expressou as tensões e negociações entre os catolicismos oficial e popular: " [...] ao longo de sua história o arraial passou por inúmeras intervenções por parte da diretoria da festa e das autoridades eclesiásticas [...], preocupados em organizar esse espaço segundo as concepções religiosas e morais vigentes." (MATOS, 2010, p. 231). Contudo, a década de 1980 caracterizou-se por alterações nas festividades populares, visando torná-las mais atrativos para turistas e investidores. Em 1982, houve a transferência do Arraial para uma área lateral à Basílica, pertencente à Igreja. Em seu lugar foi construído o Centro Arquitetônico de Nazaré (CAN) , com recursos da União. A praça pública tornou-se um prolongamento da Basílica, controlada pela Diretoria da Festa.

Ainda exemplificando as tentativas de controle da Igreja sobre as manifestações profanas, pode-se destacar a tentativa de ingerência no processo de registro do Círio de Nazaré pelo IPHAN, em relação à inclusão da Festa da Chiquita no inventário e no dossiê. Para a Diretoria da Festa, tal manifestação era ofensiva e desvinculada do Círio. Entretanto, foi observado nos discursos de Elói Iglésias, principal organizador do evento, a constante associação entre o Círio, a confraternização e o combate ao preconceito sexual (HENRIQUE, 2011).

O Círio de Nazaré em Belém apresenta também um caráter popular, no qual os fiéis nem sempre se subordinam ao poder da Igreja. Um dos momentos de insubordinação popular ocorreu no final do século XIX: o bispo Dom Macedo Costa, que liderava o processo de romanização da igreja na região amazônica de acordo com os preceitos da Santa Sé, em Roma, suspendeu as funções religiosas do Círio e fechou as portas da ermida ao ser provocado por uma denúncia de que no Arraial foram apresentados quadros com mulheres despidas. A reação do povo, estimulado pela Irmandade de Nazaré, grupo que organizava o evento, foi de invadir a ermida. Foram realizados dois "círios civis" em 1878 e 1879, ou seja, sem a participação do clero e de autoridades religiosas (IPHAN, 2006). A situação ficou conhecida como "questão nazarena" e só foi solucionada em 1880, a partir da mediação do então Presidente da Província, José Coelho da Gama e Abreu, "com a criação de uma comissão para organizar a festa, formada por confrades e religiosos, nomeada pelo bispo." (IPHAN, 2006, p. 23), o que reduziu o poder da irmandade na organização do evento.

Dessa forma, pode-se afirmar que apesar da tentativa de controle por parte da Igreja e, em alguns momentos, do próprio poder público, o Círio de Nazaré tem um caráter eminentemente popular. Os agentes devem considerar no planejamento do evento formas populares de devoção a fim de reduzir possíveis conflitos, em geral, relacionados ao receio dos devotos quanto à supressão de elementos considerados por eles como fundamentais à procissão, mas que não são vistos do mesmo modo pelas autoridades eclesiásticas, a exemplo da corda.

Segundo o IPHAN (2006), esse elemento foi utilizado pela primeira vez em 1855, mas oficializado pela Igreja somente em 1868. Maués (2005) afirma que a corda perdeu o sentido original e a necessidade, que seria o de tracionar o carro de bois que levava a berlinda. Porém, "ela passou a ter um significado simbólico extraordinário, é o lugar onde as pessoas fazem suas promessas [...]. Na cultura humana, o que conta, sobretudo, não são as necessidades práticas, mas os valores simbólicos." (p. 55). Apesar de essencial,

este elemento dificulta o fluxo da procissão, o que ocasiona polêmicas frequentemente.

Ainda de acordo com o IPHAN (2006), no final da década de 1920 ocorreram as primeiras tentativas de supressão da corda, quando o arcebispo Dom Irineu Joffily introduziu mudanças no Círio baseadas no processo de romanização do evento. A abolição da corda causou a reação dos fiéis e de parte da imprensa, mas foi apoiada pelo governador à época, Dionízio Bentes, por meio do policiamento nas ruas durante a procissão. A solução para a questão ocorreu em 1931, mediada pelo interventor populista Magalhães Barata.

A polêmica atual em relação à corda refere-se ao seu corte pelos promesseiros antes do final da procissão principal, pois eles desejam levar pedaços como lembrança. Tal atitude tem sido condenada pela Diretoria da Festa e pela Arquidiocese de Belém. Desde 2011, divulgam a campanha pelo "Não Corte da Corda" em rádios e televisões para evitar acidentes devido à presença de armas brancas durante o evento. Os organizadores garantem que, próximo ao final da procissão, a corda é cortada pela Guarda de Nazaré – criada pela Igreja em 1974, responsável pela segurança do evento – e entregue aos participantes (FUNDAÇÃO NAZARÉ DE COMUNICAÇÃO, 2012b).

O caráter popular do Círio foi observado por Moreira (1971). Para ele, a romaria popular se impôs pela sua própria popularidade, predominando sobre as procissões e festas reais, impostas por lei. Ele compara o evento à Cabanagem, afirmando que "são os dois maiores exemplos do poder afirmativo das massas na história paraense." (p. 15).

A popularidade do Círio é verificada também em seus aspectos profanos, com a presença de diversas manifestações culturais, visto que o evento é considerado como parte da identidade cultural não apenas dos belenenses, mas dos paraenses. Sobre isso, Figueiredo (2005) afirma que:

Nesse período, a cultura paraense manifesta-se em todos os bairros de Belém, na maioria das casas, quer pela culinária, quer pela música, artes, etc. São realizados muitos eventos em função do Círio, como feiras de artesanato, manifestações da cultura popular (bois, carimbós, etc.), exposições de arte, festas, festivais, entre outros (FIGUEIREDO, 2005, p. 26-27).

Limitando-se aos elementos profanos selecionados pelo IPHAN, apresentados no **Quadro 1**, pode-se exemplificar a diversidade das manifestações culturais com a realização dos cortejos do Auto e do Arrastão do Círio; da presença dos brinquedos feitos da polpa da palmeira de miriti (ou buriti), cuja produção advém sobretudo do município de Abaetetuba, próximo a

Belém; bem como do almoço do Círio, com pratos típicos paraenses, especialmente a maniçoba e o pato no tucupi ou as variações com o frango e o peru.

Apesar de não inclusas nos elementos selecionados pelo IPHAN, as festas populares, mais especificamente as festas de brega realizadas durante o ano todo, destacam-se no período do Círio. Costa (2006) afirma que o circuito bregueiro

se conecta aos grandes eventos, assumindo um papel de complementação dos festejos. A festa de brega permanece como uma opção importante de lazer para osromeiros e fiéis do Círio. A atividade empresarial e a freqüentação do circuito durante estes festejos não é interrompida. Ao contrário: ela é enriquecida pelo espírito festivo que toma conta da cidade e, ao mesmo tempo, adapta-se a ele. (COSTA, 2006, p. 84).

O autor utiliza a categoria “circuito”, proposta por Magnani (1996, 2002) para se referir ao "exercício de uma prática cultural ou a oferta de um serviço qualquer, demarcados por estabelecimentos, equipamentos e espaços sem relação de contigüidade entre si e reconhecidos em conjunto pelos seus usuários regulares." (COSTA, 2003). Assim, o circuito bregueiro em Belém apresenta elementos espalhados por diversos bairros, sobretudo os de periferia, envolvendo as aparelhagens (empresas de sonorização), as casas de festa e o público apreciador, além de estúdios de gravação, produtoras de CDs, artistas e rádios.

Dessa forma, os aspectos religiosos, políticos, culturais (em sentido amplo) e a popularidade do Círio se entrelaçam, permitindo inferir que os diversos agentes promotores da festividade têm se articulado historicamente, embora a relação entre eles seja conflituosa em determinados momentos.

Somando-se a tais aspectos, ocorre a dinamização econômica de diversos setores relacionados à festividade, envolvendo tanto as despesas das programações realizadas pela Igreja, quanto os gastos feitos pela população local e pelos turistas. Os orçamentos do Círio nos anos de 2011 e 2012 incluem diversos itens e demonstram que os custos com os donativos para as instituições como creches e seminários, bem como com a evangelização – por meio de imagens, livros de peregrinação, viagens de pregadores e os shows católicos – somam mais de cinquenta por cento do total das despesas (FUNDAÇÃO NAZARÉ DE COMUNICAÇÃO, 2012a).

Montarroyos (1992) apresenta a história do Círio a partir da imprensa, visto que ela registra fatos, forma opiniões, provoca polêmicas e mostra o modo como os agentes conduzem a festa. O estudo utiliza documentos e

matérias de diversos jornais, retratando os múltiplos elementos da festividade, e traz anúncios publicados desde as primeiras décadas do século XX por instituições públicas e privadas, que comprovam a importância do evento para a economia.

Os recursos para garantir o valor orçado são obtidos entre os governos estadual e municipal e empresários. Costa et al (s/d) afirmam que a cooperação dos governos por meio de donativos para a realização do evento correspondem a menos de dez por cento da arrecadação fiscal gerada por ele. E, apesar dessa constatação, não há políticas públicas voltadas para o Círio, o que se reflete na oscilação do valor dos donativos conforme "o humor e o oportunismo dos governantes" (p. 103). Os autores informam que o apoio do poder público ocorre também com a disponibilização de agentes como policiais, bombeiros, etc. para trabalharem no controle das manifestações.

Os empresários ligados à indústria ou à prestação de serviço aumentam o faturamento em decorrência da festividade e parte deles associa sua marca ao Círio de Nazaré com esse objetivo. A relação com o nome do evento ou com a imagem da santa é feita em materiais publicitários tanto pelos Patrocinadores ou Apoiadores Oficiais, como por empresários que não contribuem diretamente para a realização do evento.

Entretanto, a dinamização econômica deve-se principalmente ao aumento do número de visitantes na cidade de Belém, provenientes tanto do Pará, como de outros estados e países. Conforme a **Tabela 2**, organizada de acordo com estudos da PARATUR e do DIEESE, o número de turistas que visitam Belém durante o Círio aumenta a cada ano.

Tabela 2: Estimativas da participação e gastos de turistas no Círio de Nazaré em Belém (2010 a 2012)

Ano	Número de turistas	Gasto presumido
2010	Cerca de 69 mil	US\$ 25 milhões
2011	Cerca de 72 mil	US\$ 26 milhões
2012	Cerca de 76 mil	US\$ 28 milhões

Fonte: PARÁ (2010, 2012). Organizada por Serra.

As estimativas crescentes em relação ao número de turistas importam, sobretudo, para agentes da Igreja e do poder público e empresários ligados direta ou indiretamente à atividade turística. Tais agentes se relacionam entre si

tendo como objetivo comum a continuidade da manifestação, visto que ela atende a interesses religiosos, políticos e econômicos.

Matos (2010) afirma que "se é verdade que historicamente a ética religiosa do catolicismo esteve em tensão com o econômico, cada vez mais o processo de mercantilização de objetos e práticas simbólicas no campo da religião as confundem." (p. 149). Para ela, a Igreja Católica adequou-se "às novas circunstâncias da globalização econômica e de mundialização da cultura" (p. 147), o que pode ser observado pelo seu incentivo ao consumo de objetos religiosos, à realização de eventos como "showmissas" e à prática do turismo em lugares considerados sagrados, aproximando-se a prática religiosa e o lazer. Essa adequação favorece financeiramente a própria Igreja possibilitando, por exemplo, ampliar suas ações voltadas para a evangelização e para a caridade.

A autora aponta ainda a parceria entre as entidades religiosas, os agentes de mercado e da cultura, no desenvolvimento do turismo religioso, a partir de eventos como a Expocatólica, criado em 2003, com espaço para debates referentes ao mercado voltado para o catolicismo, compra e venda de produtos e serviços.

A espetacularização das manifestações religiosas também faz parte das inovações da Igreja apontadas pela autora. Para Henrique (2011), em se tratando do Círio de Nazaré, isso causa uma ambiguidade, visto que a Igreja busca conter "os 'excessos' ou 'desvios' nas práticas religiosas dos católicos paraenses" (p. 340), mas insere a festividade em uma lógica de mercado, necessitando ampliar sempre os números relacionados à devoção, tais como o de participantes das procissões.

Muitas vezes o Círio é apresentado ou veiculado na grande mídia a partir do exotismo associado aos homens da Amazônia, em que as imagens das múltiplas embarcações na procissão fluvial, devotos carregando 'ex-votos' não menos exóticos à cabeça, o empurra-empurra na corda, tornaram-se atrativos para incrementar determinados setores da economia local via turismo religioso (HENRIQUE, 2011, p. 340).

Tal observação relaciona-se à abordagem feita por Coelho (1998) sobre o segmento tradicionalmente mais desenvolvido na Amazônia, o ecoturismo, cujo discurso está vinculado à visão da natureza dessa região como exótica e selvagem, desconsiderando as sociedades que nela habitam.

Assim, embora o Círio de Nazaré como um evento urbano e componente da oferta turística cultural-religiosa de Belém se diferencie dos atrativos relacionados ao ecoturismo, o modo como ele tem sido divulgado o aproximaria desse segmento. Todavia, independente dos elementos utilizados

na sua divulgação, atrai milhares de visitantes, parte deles pela fé católica. Acrescenta-se ainda que no período de realização do Círio de Nazaré, as manifestações da cultura paraense se evidenciam e os diversos agentes promovem alterações espaciais e se apropriam de elementos culturais da festa na busca pela satisfação dos turistas.

Considerações Finais

A prática da festa religiosa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré possui peculiaridades locais que marcam a sua tradição e expande sua área territorial de ação nas três últimas décadas em função do crescimento da metrópole paraense e do aumento do fluxo turístico para esse evento, cuja principal procissão ocorre no segundo domingo de outubro.

Inicialmente, a dimensão ribeirinha é resultado da localização geográfica da cidade de Belém, margeada pelo rio Guamá e pela Baía do Guajará, e pela fisiografia da cidade entrecortada por igarapés. Ressalta-se que a imagem da santa, motivo da festa e da romaria, foi achada em um igarapé no século XVIII.

No final do século XX, a dimensão ribeirinha é redimensionada e revalorizada com a introdução da procissão fluvial, que acontece no sábado, véspera da procissão principal, no percurso do distrito de Icoaraci à sede de Belém, e que se insere na programação turística da festividade.

No que se refere à dimensão da expansão territorial da festa, destaca-se que na passagem do século XX para XXI ela tomou uma dimensão metropolitana incluindo em seu percurso os municípios de Ananindeua e Marituba, instituindo novas procissões secundárias à procissão principal, tais como a procissão dos motoqueiros, das bicicletas, rodoviária e das crianças, que ocorrem durante os dias da festividade.

Por fim, em relação à dimensão turística, ligada aos aspectos religiosos, culturais e econômicos da festividade, observa-se que, historicamente, os diversos agentes atuam de forma imbricada, embora, por vezes, conflituosa.

Referências

ALVES, I. A Festiva Devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.19, n. 54, 2005, p. 315-332.

AZEVEDO, R. Parada Gay dos "4 milhões" reúne apenas 270 mil pessoas, afirma Datafolha. **Veja**, 11 jun. 2012. Blog Reinaldo Azevedo. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/parada-gay-do-4-milhoes-reune- apenas-270-mil-pessoas-afirma-datafolha/>>. Acesso em 20 jan. 2013

BERGAMIM JR, G. Datafolha desvenda o mistério das multidões paulistanas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 jul. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/944645-datafolha-desvenda-o-misterio-das-multidoes-paulistanas.shtml>>. Acesso em 20 jan. 2013.

BONNA, M. **Dois Séculos de Fé**. Belém-PA: Sejup, 1993.

CASTRO, C. A. T. SERRA, D. R. O. Gastronomia Amazônica e Turismo na Festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará - Brasil. In: **Livro de Resumos do Congresso Internacional Turismo, Lazer e Cultura**. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011. v. 01. p. 17.

COELHO, M.C.N. Natureza e Discurso Ecoturístico na Amazônia. **Revista Território**, Belém-PA, n. 5, 1998, p. 67-84.

COSTA, A. M. D. A Festa dentro da Festa: Recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará. **Revista Campos**, Curitiba-PR, v. 7, n. 2, 2006, p. 83-100.

_____. Festa na Cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará. **Revista Tomo**, São Cristóvão-SE, n. 06, 2003. Disponível em: <<http://www.bregapop.com/servicos/historia/328-antonio-mauricio-dias-da-costa/4942-festa-na-cidade-o-circuito-bregueiro-de-belem-do-para-antonio-mauricio-dias-da-costa>>. Acesso em 10 mar. 2013.

COSTA, F. de A. et al. O Círio de Nazaré de Belém do Pará: Economia e Fé. **Amazônia: Ciência & Desenvolvimento**, Belém-PA, v. 3, n. 6, 2008, p. 93-125.

_____. **O Círio de Nazaré: economia e fé - Relatório Final**. Belém-PA: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFPA e Instituto de Economia/UFPA, s/d. Disponível em: <<http://www.agencia.fapesp.br/arquivos/cirio.pdf>>. Acesso em 09 dez. 2012.

CRUZ, E. **História de Belém**. Série José Veríssimo. Vol. 1. Belém: UFPA, 1973. Coleção Amazônica. Edição Comemorativa do Sesquicentenário da Adesão do Pará à Independência política do Brasil.

FILHO, A. Imagem peregrina recebe 12 horas de homenagens na primeira romaria. **Agência Pará de Notícias**, Belém-PA, 10 de out. 2012. Disponível em: <http://www.agenciapara.com.br/noticia.asp?id_ver=109490>. Acesso em: 10 jan. 2013.

FUNDAÇÃO NAZARÉ DE COMUNICAÇÃO. **Especial Círio 2012 - Economia: Mais investimentos para Evangelização**. Belém-PA, 10 out. 2012. Disponível em: <<http://www.fundacaonazare.com.br/novoportal/?action=Canal.interna&oCana1=1&id=2892&classe=N>>. Acesso em: 05 jan. 2013.

_____. **É lançada campanha do 'Não Corte da Corda' do Círio 2012**. Belém-PA, 02 out. 2012. Disponível em: <<http://www.fundacaonazare.com.br/novoportal/?action=Canal.interna&oCana1=10&id=2775&classe=N>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

HENRIQUE, M. C. Do ponto de vista do pesquisador: o processo de registro do Círio de Nazaré como patrimônio cultural brasileiro. **Revista Amazônica**, Belém-PA, v. 3, n. 2, 2011, p. 324-346. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/viewFile/771/1048>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Dossiê Círio de Nazaré**. Vol. I. Belém, 2006.

MATOS, L. da S. **Belém em festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré**. São Paulo: Tese de Doutorado em Ciências Sociais, PUC, 2010.

MAUÉS, R. H. "Feliz Círio!" Relatos, Interpretações e Memórias Afetivas de um Casal de Antropólogos. In: FIGUEIREDO, S. L. (Org.). **Círio de Nazaré: festa e paixão**. Belém-PA: EDUFPA, 2005.

_____. **O homem que achou a santa: Plácido José de Souza e a devoção à Virgem de Nazaré**. Belém-PA: Ed. Basílica Santuário de Nazaré, 2009.

MONTARROYOS, H. **Festas profanas alegrias ruidosas**. Belém-PA: Falângola, 1992

MOREIRA, E. **Visão geo-social do Círio**. Belém-PA: Imprensa Universitária, 1971.

PANTOJA, V. **Negócios Sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré**. 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

PARÁ. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos. Diretoria da Festa de Nazaré. **Círio de Nazaré 2010: o efeito Círio e seus impactos na economia do Estado do Pará**. Belém, 2010. (nota à imprensa).

_____. **1ª Coletiva Oficial do Círio 2012**. Belém, 2012.

PENTEADO, A. R. **Belém: estudo de geografia urbana**. Belém-PA: EDUFPA, 1968.

PIMENTEL, M. A. da S. SANTOS, V. C. dos. SILVA, F. A. O. GONÇALVES, A.C. A ocupação das várzeas na cidade de Belém: causas e consequências socioambientais. **Revista Geonorte**, Manaus-AM, v.2, n. 4, 2012, p.34-45.

ROCQUE, C. **História do Círio e da festa de Nazaré**. Belém-PA: Mitograph, 1981.

RODRIGUES, E. B. **Aventura urbana: urbanização, trabalho e meio ambiente em Belém**. Belém-PA: NAEA/UFPA/FCAP, 1996.

TELLES. M. F. P. **Proteção ao Patrimônio Cultural Brasileiro: Análise da articulação entre o tombamento e registro**. 2010. 115 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

_____. O registro como forma de proteção do patrimônio cultural imaterial. **Revista CPC**, São Paulo, n.4, maio/out., 2007, p.40-71.

TRINDADE JÚNIOR, S.-C. C. da. SANTOS, E. R. C. dos. RAVENA, N. A. Cidade e o Rio: espaço e tempo na orla fluvial de Belém. In: TRINDADE JÚNIOR, S.-C. C. da. SILVA, M. A. P. da. (Org.). **Belém: a cidade e o rio na Amazônia**. Belém-PA: EDUFPA, 2005. p. 12-43.

Débora Rodrigues Oliveira Serra

Graduada em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão e mestre em Geografia pela Universidade Federal do Pará.

Rua Carlos Magno, 48, Marambaia. Belém-PA

E-mail: deb Serra1980@hotmail.com

Maria Goretti da Costa Tavares

Graduada em Geografia e Direito pela Universidade Federal do Pará, mestre e doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Realizou Pós-doutorado na Universidade de Paris 1, Panthéon-Sorbonne, Paris-França. Atualmente é Professora Associada 3 na Universidade Federal do Pará.

Avenida Governador José Malcher, n.2271 ap. 203

São Brás - Belém Pará

E-mail: mariagg29@gmail.com

Recebido para publicação em fevereiro de 2014

Aprovado para publicação em abril de 2014